



Relatório Plenária Final

II ERGA-NE

QUEM SOMOS?

O ERGA - Encontro Regional de Grupos de Agroecologia é organizado em autogestão pela REGA - Rede de Grupos de Agroecologia, onde se manifesta por meio de ações e articulações. Em âmbito nacional, a REGA promove o ENGA - Encontro Nacional de Grupos de Agroecologia, que teve sua IX edição em 2017-Brasília, com a temática central: "Agroecologia pra Quem?" em concomitância ao Congresso Brasileiro e Latino Americano de Agroecologia.

No ERGA refletimos regionalmente a organização em rede, onde fomenta-se a união entre protagonistas sociais e consolida-se estes vínculos a partir da constituição de Articulações Regionais. O Encontro tem o intuito de promover o apoio-mútuo e a solidariedade entre as diversas organizações que estão envolvid@s no fortalecimento da Agroecologia e Economia Solidária em processos de autogestão em horizontalidade, dinamizando o fluxo de informações e de comunicação entre @s protagonistas agroecológic@s. Este é um espaço de visibilidade do pensar e do fazer e se propõe a ser ambiente de vivência e interação entre quem pratica, pesquisa ou se interessa por povos ancestrais, saúde, segurança e soberania alimentar, sementes crioulas, educação popular, acesso a terra e aos recursos hídricos, ecofeminismo, cultura popular, educação do campo, políticas públicas para a Agroecologia, direito e autonomia dos povos do campo, das águas e das florestas, movimentos sociais, transição agroecológica, economia solidária, descolonialidade, diversidade sexual e étnico-racial, entre outros.

Essa convergência entre vivência, auto formação e atuação, trata de questões relativas ao nosso plano de gestão territorial, pautando entre seus objetivos o aspecto técnico, das boas práticas e tecnologias sociais, identificando as necessidades d@s agricultor@s, qualificando a auto formação nos temas citados, além da concepção de metodologias de comunicação em rede. Durante os dias de encontro, seguimos o princípio da coerência entre a teoria e a prática agroecológica, pelo consumo consciente e responsável de alimentação oriunda da agricultura familiar agroecológica, doações d@s participantes envolvid@s e apoios mobilizados pela Comissão Enraizadora, bem como no uso consciente dos recursos naturais, exaltando a importância da economia da água e da gestão racional dos resíduos sólidos.



Plenária Final II ERGA/NE

Nos dividimos em Grupos de Trabalho com o propósito de aprofundar o diálogo sobre as seguintes temáticas norteadoras:

ÁGUA E AGROECOLOGIA

Os grandes latifundiários e empresários representantes da minoria da população (cerca de 1%), se aproveitam dos incentivos fiscais, isenção de impostos e precariedade causada pelos mesmos, com o objetivo de contratar mão de obra barata, perpetuando o trabalho escravo. Desse modo, o sentimento de impunidade ganha espaço neste cenário político, causando desastres ambientais e sociais, a exemplo dos crimes que aconteceram recentemente em Mariana e Brumadinho, causados pelo grupo corporativista Vale.

Esses acontecimentos refletem diretamente nas águas da Caatinga, contaminando a saúde humana e a biodiversidade do Rio São Francisco com rejeitos de mineração altamente tóxicos. O Velho Chico vem sendo sistematicamente assassinado pelo agronegócio, assim como as frentes de luta socioambientais. Esse processo é facilitado por decisões da bancada ruralista, marginalizando e excluindo os povos tradicionais e ao mesmo tempo apagando sua memória histórico-cultural. Com a aprovação do Novo Código Florestal, criminosos ambientais tiveram anistia de seus delitos, intensificando a degradação dos recursos naturais.

Atualmente, nós consumimos mais do que precisamos, isso é manipulado pelos interesses do grande capital, com o interesse de manter processos histórico-sociais como a estrutura da Indústria da Seca no Brasil, privatizando os recursos essenciais como a água, a terra, as sementes crioulas, qualidade de vida, etc. (escrever sobre a má distribuição da água no sertão do Moxotó)

Além da destruição das águas causada pelo agronegócio, temos de ressaltar e observar o impacto do modelo de saneamento e gestão de resíduos sólidos utilizado pela sociedade moderna. Nos encontros de agroecologia, além de reforçar nossa luta por alimentos saudáveis e livres de veneno, também nos preocupamos com nossos dejetos! Nesse sentido, no II ERGA NE, construímos um modelo de banheiro seco móvel que, embora não tenhamos conseguido ativá-lo no primeiro dia



do encontro, ficou construído no espaço do SERTA-Ibimirim como uma tecnologia social passível de ser replicada em qualquer lugar do sertão e do Brasil.

Tendo em vista esse panorama, nós como um grande coletivo de irmãs e irmãos em prol da cultura do bem viver, no posicionamos contra as decisões políticas e toda e qualquer prática que vá contra esses princípios.

POVOS TRADICIONAIS, LUTA E TERRITÓRIO

Ao falarmos sobre comunidades tradicionais e a luta pelo território, pensamos na construção histórico-social a que diversos povos foram e estão submetidos, podendo evidenciar que essas histórias estão marcadas por resistências, perdas, tentativas de integração e extermínio. Nesse processo os povos originários desenvolveram e fortaleceram suas estratégias de luta contra as formas de opressão para assegurar e garantir os direitos de acesso a terra, as águas, as matas, expressão cultural, identitária e espiritualidade.

Enquanto II Encontro da REGA-NE, vivenciado em território originalmente Kambiwá, na caatinga do semiárido de Pernambuco, com a participação de pessoas de diferentes origens étnicas, afirmamos o compromisso de estarmos envolvid@s na luta dos povos originários e negros no enfrentamento ao racismo, genocídio, etnocídio e todos os retrocessos que vem ocorrendo na atual conjuntura política nacional, como a paralisação das demarcações de terras; a municipalização da saúde e educação indígena; a desapropriação de seus territórios; o desmonte da FUNAI, INCRA e Fundação Palmares; o projeto de construção de uma usina nuclear na cidade de Itacuruba-PE, próxima a vários territórios indígenas e quilombolas; a instituição do conceito de propriedade privada nesses territórios, contrapondo-se aos nossos princípios, onde os bens naturais são sagrados e comuns a tod@s. Como eixo orientador propõe-se favorecer e visibilizar a luta e o protagonismo das mulheres nesse processo de resistência e transmissão de saberes.

Diante do já exposto, referenciamos, valorizamos e discutimos sobre a soberania dos povos e, enquanto ERGA-NE, pretendemos garantir nesses espaços de discussão a participação dos povos que praticam os saberes da terra milenarmente, em que no processo de colonização ainda vigente, têm seus modos de vida alterados e ameaçados, assim como todos os reinos que protegem e que nos proporcionam a vida.



Assim, nos colocamos como parceir@s na luta de todos os povos originários do Nordeste e do Brasil, em resistência e defesa de suas vidas, direitos, saúde, terra, educação, paz e liberdade. Estamos em marcha buscando fortalecer nossa autonomia e vemos na agroecologia um importante instrumento para a revolução des-colonial de nossas mentes, povos e territórios.

Sangue Indígena, Nenhuma Gota a Mais!

ARTE CULTURA E AGROECOLOGIA

Sentimos que no fazer agroecológico a arte é uma dimensão fundamental que nos conecta com o mais profundo do ser humano, com a cultura ancestral e que favorece o fortalecimento de nossos vínculos com a natureza.

O compartilhar dessas diversas formas de expressão, de modo horizontal e espontâneo, com as comunidades locais e tradicionais proporciona um canal de comunicação através do encantamento, destacando a diversidade de seres e saberes.

Durante a programação autogestionada do encontro, essa partilha se deu através de diversas atividades culturais como: um cortejo noturno de pífanos, jaraguás e brincantes, puxado pelo grupo “Riso da Terra”, na comunidade adjacente ao SERTA; de um momento de rezo e toré na comunidade Kambiwá com o cacique Zuca e a liderança Severino da Aldeia Baixa da Alexandra e de profundos momentos de inspiração que nos chegam a partir do intercâmbio ao Assentamento Maria Otília e do protagonismo das mulheres e das crianças enquanto semeadoras de sua cultura e da conexão com a natureza sagrada.

Para além da programação, o Encontro também foi marcado por momentos de espontaneidade e de sincronicidade, como no caso em que, a caminho da Aldeia Baixa da Alexandra, o ônibus teve que parar para uma manutenção, justamente na Aldeia Nazario, onde a magia do encontro aconteceu, com o acolhimento de uma linda família que compartilhou em roda um pouco de seus cantos, contos e afetos.

ARTICULAÇÃO E COMUNICAÇÃO

Estamos diante de um cenário nacional político em que a comunicação foi usada para definir a eleição de um candidato presidencial que criminaliza a natureza e o povo. Temos consciência da importância da comunicação para fortalecer as



intervenções sociais com a natureza da perspectiva do Bem Viver. Por isso, a necessidade de construir narrativas com relatos das experiências e saberes do nosso povo e sabores da nossa terra, estabelecendo um contraponto a este modelo perverso com a vida, com a terra e com as filhas e filhos da Mãe Gaia.

Propomos fortalecer nossa comunicação interna e externa para contarmos nossa história e compartilharmos nossos saberes enraizados na terra, levando a semente da resistência e da esperança de um mundo melhor, que inclusive acontece em alguns lugares.

A comunicação compartilhada na ótica do lucro vem formando uma opinião da população, definindo a política e uma cultura do capital. Temos condições de informar e formar uma lógica de respeito a natureza. Para isso é necessário que a comunicação seja descentralizada e difundida de forma autogestionária dentro de nossos coletivos, movimentos e organizações, investindo em formações e nas diversas ferramentas para que essas sementes possam chegar até as comunidades e povos do Brasil.

SAGRADO FEMININO E MASCULINO

O sagrado feminino e masculino são potências que não existem uma sem a outra, mas que precisam se harmonizar nos homens e nas mulheres, para que a cura individual e coletiva do sistema capitalista e patriarcal possa acontecer.

O sagrado é a humildade em reconhecer o quanto pequenos somos diante dos mistérios do universo e da terra e das polaridades sinérgicas que fazem a vida existir, como o dia e a noite, o inspirar e o expirar. Sentindo e vibrando nessa compressão, marcou-se nesse encontro o plantio de uma semente inspirada na roda do sagrado feminino que motivou a realização de uma roda do sagrado masculino, onde os homens puderam refletir sobre este sagrado; ser homem, saber expressar os sentimentos e ouvir a intuição, as mulheres e o aspecto feminino da natureza interna e externa de cada um.

No encontro das mulheres, realizado na geodésica, foram compartilhadas experiências, cantos e rezas, com o acolhimento que fortalece nossa sororidade.

Foi um momento sagrado, ampliado no encontro dessas duas rodas, momento em que as mulheres foram acolhidas no círculo dos homens. Num encontro mágico entoado pelos cantos, poesias e relatos. Numa encantada ciranda de respeito mútuo, onde todas e todos éramos um. Com desejo coletivo de que



esse sagrado transbordasse o encontro e pudesse cada vez mais fazer parte do nosso cotidiano individual e coletivo pela cura do planeta.

Contribuições do Movimento CRÍTICA RADICAL.

Nos contatos em geral internos e externos que realizamos, foi alcançada a compreensão de que nós, dos vários segmentos do movimento social, estamos sendo atacad@s na retirada da condição de continuarmos vivendo na dependência da lógica do sistema capitalista. O governo Bolsonaro com seu arsenal obscurantista oferece ao capital estrangeiro a exploração e a exterminação dos últimos recursos naturais, a exemplo: a mineração nas terras indígenas e na Amazônia.

Percebemos no processo de discussão que sozinh@s somos fortes, porém junt@s somos imbatíveis.

Chegamos a conclusão da importância de nos organizarmos a nível local, regional, nacional e mundial conectad@s na perspectiva de barrar com a história de sofrimento, exclusão e extinção da humanidade e do planeta.

Alimentamos a esperança de inaugurarmos uma luta em conjunto, pela superação da história inconsciente de sujeição da espécie humana e da natureza a esta relação fetichista que dá vida às mercadorias e nega-nos o direito de viver uma sociabilidade constituída por indivíduos conscientes, livres, autônomos e capazes de conquistar a felicidade humana e propor a abundância e a exuberância ambiental no planeta terra.

A SAÍDA:

- 1- Abolição das relações patriarcais capitalistas
- 2- apropriação das forças produtivas sociais
- 3- superação do sujeito fetichista narcisista
- 4- ultrapassar o capitalismo construindo na ruptura categorial